



O HUMANO

na dinâmica da comunicação

Equipe do SEPAC
Joana T. Puntel (org.)



sepac

1. A PARTIR DO HUMANO, COMUNICADOR, UM NOVO HUMANISMO CRISTÃO

Dom Joaquim Giovani Mol Guimarães*

Para começar

O Congresso *Online* de Comunicação, realizado no dia 31 de outubro de 2020, cuidadosamente pensado pelas Irmãs Paulinas, no genuíno cumprimento de sua missão – à luz do seu carisma atual e imprescindível –, reuniu pessoas de valor do campo da comunicação, com a finalidade de suscitar sérias reflexões e estudos sobre a boa comunicação, por entre as relações humanas e sociais, em pleno tempo da assustadora e perversa pandemia do novo coronavírus, altamente disseminadora da enfermidade Covid-19, a qual

* Bispo auxiliar da Arquidiocese de Belo Horizonte. Reitor da PUC Minas. Presidente da Comissão Episcopal Pastoral para a Comunicação da CNBB.

mata sem piedade a qualquer um, mas principalmente aos pobres, que têm menos condições de se defender.

O *tônus* do Congresso, contudo, não foi um espaço de lamentação, mas de indignação; não foi um tempo de confissão da impotência humana diante do caos pandêmico, mas de coragem em elucidar caminhos novos e ousados, como respostas aos desafios, ou seja, àquilo que incita a fazer algo. O desafio é uma incitação à ação. Aliás, esse é o melhor sentido da palavra “esperança”, porque ela, a um só tempo, mistura, saudavelmente, indignação diante de algo e ousadia, destemor, na ação. É a esperança em ato. Isso ajuda a entender o título da conferência que, honrosamente, coube a mim, por delicada solicitação da amiga Ir. Joana Puntel, uma das autoridades no campo da comunicação na Igreja no Brasil. O título, longo como uma estrada a ser percorrida diz *A partir do humano, comunicador, um novo humanismo cristão*. Esse título insere-se, como os dedos nas luvas, na grande temática do Congresso, que se propôs estudar “o humano na dinâmica da comunicação – um jeito novo e criativo de evangelizar”.

É a comunicação a serviço da evangelização. Evangelizar é o cerne imutável da missão da Igreja. Evangelizar é, segundo o Papa Francisco, “tornar o Reino de Deus presente no mundo”.¹ Não há uma dúvida sequer sobre a abrangência

¹ FRANCISCO, Papa. *Evangelii Gaudium*: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. 1. ed. São Paulo: Paulinas, 2013, n. 179. Esta Exortação Apostólica, pós-sínodo sobre a evangelização, é a primeira do Papa Francisco, datada de 24/11/2013. É um texto raro pela contundência da clareza, pela escolha dos temas, pela capacidade de

do ato de evangelizar, que abarca todas as dimensões da vida humana, em suas sociedades específicas. Uma das formas de tornar o Reino de Deus presente é humanizar o humano, para que cada ser humano seja um reflexo de Deus no mundo. A comunicação, muito além do seu instrumental tecnológico, moderno, sofisticado – que é muito importante e até indispensável hoje –, é processo que envolve os atores a caminho, na história, construindo o presente e o futuro. É assim, em uma espécie de rede, que a humanização por meio da comunicação se encontra com a humanização que resulta da evangelização.

Visitemos cada parte do título para formar um todo de reflexões.

A partir do humano

No primeiro capítulo da *Fratelli Tutti*,² em plena contemporaneidade, quando o Papa Francisco trata das

reformular a visão sobre vários assuntos. Francisco relembra que a missão da Igreja é evangelizar e que evangelizar é tornar o Reino de Deus presente no mundo. Curto. Perfeito. A comunicação católica pode sempre se repensar a partir dessa definição, e, se assim for, muita coisa mudará em nossa comunicação, para melhor.

² FRANCISCO, Papa. *Fratelli Tutti: sobre a fraternidade e a amizade social*. 1. ed. Brasília: Edições CNBB, 2020, n. 22-24. Este texto já faz parte da Doutrina Social da Igreja, juntamente com a Exortação Apostólica “Querida Amazônia”, completamente inusitada em seu processo de elaboração, e a Encíclica *Laudato Si'*, sobre o cuidado da casa comum, um marco altamente significativo dos pronunciamentos da Igreja sobre a ecologia, entendida como ecologia integral, que discute sérias questões sobre o mundo socioambiental.

“sombras de um mundo fechado”, ele dedica um item aos direitos humanos. Deixo-me pautar, nesta reflexão, pela *Fratelli Tutti*. O Papa aborda a realidade dos Direitos Humanos também em vários outros momentos, seja por escrito ou verbalmente, e sempre os defende arduamente. Aqui ele os lê na ótica das sombras de um mundo fechado. Para falarmos de uma comunicação que venha a contribuir para a gênese de um novo humanismo cristão, precisamos tomar como ponto de partida o humano. Por isso, uso e abuso das ideias de Francisco, por serem interessantes e instigantes para hoje, recordando o apelo feito pela Palavra de Deus, em Hb 3,7: “Hoje, se ouvirdes a sua voz, não endureçais os vossos corações”.

Não um “humano” descontextualizado, idealizado, meramente teórico, objeto de pesquisas e belos discursos. Os seres humanos são concretos, são pessoas humanas com direitos e deveres. Se seus direitos forem reconhecidos, os seus deveres serão cumpridos. Duas faces do mesmo ser humano: não é possível cumprir seus deveres sem o reconhecimento de seus direitos. A consideração de seres humanos em abstrato, sem concretude existencial, abre a possibilidade da indiferença e da terrível convivência entre humanos desfigurados, maltratados, desumanizados e humanos que vivem dignamente; pessoas desprezadas e excluídas e pessoas que desprezam e excluem.

Checar o cumprimento da desconhecida e desrespeitada “Declaração Universal dos Direitos Humanos”, de 73 anos atrás, assinada por muitos países, inclusive o Brasil,

é um parâmetro para a avaliação da condição humana concreta no mundo atual. Os Direitos Humanos são desconhecidos, muitas vezes completamente distorcidos e vilipendiados e até amaldiçoados, por segmentos da sociedade, inclusive governantes que se pautam pelo autoritarismo e pela manutenção das desigualdades de todo tipo. São apenas 30 artigos muito interessantes, que aqui resumo, para que conheçam, recordem-se e renovem seus compromissos com a humanização dos humanos a ponto de fazer deles um ponto de partida para o novo humanismo cristão.

Artigo I³ – Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e direitos. São dotados de razão e consciência e devem agir em relação aos outros com espírito de Fraternidade.

Artigo II – Todo ser humano tem capacidade para gozar os direitos e liberdades, sem distinção de raça, cor, sexo, idioma, religião, opinião política ou de outra natureza, origem nacional ou social, riqueza, nascimento, ou qualquer outra condição.

Artigo III – Todo ser humano tem direito à vida, à liberdade e à segurança nacional.

Artigo IV – Ninguém será mantido em escravidão ou servidão; a escravidão e o tráfico de escravos serão proibidos em todas as suas formas.

Artigo V – Ninguém será submetido à tortura em tratamento ou castigo cruel, desumano ou degradante.

³ Declaração Universal dos Direitos Humanos. Refletida para uso acadêmico e cultural, sociopolítico e econômico, pastoral e espiritual. Belo Horizonte: Ed. PUC Minas, 2019, 71 p. Cada um dos artigos é comentado, sucintamente, por um professor ou professora especialista.

Artigo VI – Todo ser humano tem o direito de ser, em todos os lugares, reconhecido como pessoa perante a lei.

Artigo VII – Todos são iguais perante a lei e têm direitos, sem qualquer distinção, a igual proteção da lei.

Artigo VIII – Todo ser humano tem direito a receber dos tribunais nacionais competentes remédio efetivo para os atos que violem os direitos fundamentais que lhe sejam reconhecidos pela Constituição ou pela lei.

Artigo IX – Ninguém será arbitrariamente preso, detido ou exilado.

Artigo X – Todo ser humano tem direito, em plena igualdade, a uma justa e pública audiência por parte de um tribunal independente e imparcial, para decidir sobre seus direitos e deveres ou do fundamento de qualquer acusação criminal contra ele.

Artigo XI – Todo ser humano acusado de um ato delituoso tem o direito de ser presumido inocente até que a sua culpabilidade tenha sido provada de acordo com a lei, em julgamento público, no qual lhe tenham sido asseguradas todas as garantias necessárias à sua defesa. Ninguém poderá ser culpado por qualquer ação ou omissão que, no momento não constituíam delito perante o direito nacional ou internacional. Também não será imposta pena mais forte do que aquela que, no momento da prática, era aplicável ao ato delituoso.

Artigo XII – Ninguém será sujeito à interferência em sua vida privada, em sua família, em seu lar ou em sua correspondência, nem a ataque à sua honra e reputação. Todo ser humano tem direito à proteção da lei contra tais interferências ou ataques.

Artigo XIII – Todo ser humano tem direito à liberdade de locomoção e residência dentro das fronteiras de cada Estado. Todo ser humano tem o direito de deixar qualquer país, inclusive o próprio, e a este regressar.

Artigo XIV – Todo ser humano, vítima de perseguição, tem direito de procurar e de gozar asilo em outros países. Esse direito não pode ser invocado em caso de perseguição legitimamente motivada por crimes.

Artigo XV – Todo homem tem direito a uma nacionalidade. Ninguém será arbitrariamente privado de sua nacionalidade, nem do direito de mudar de nacionalidade.

Artigo XVI – Os homens e mulheres de maior idade, sem qualquer restrição, tem o direito de contrair matrimônio e fundar uma família. Gozam de iguais direitos em relação ao casamento, sua duração e sua dissolução. O casamento não será válido senão com o livre e pleno consentimento dos nubentes. A família é o núcleo natural e fundamental da sociedade e tem direito à proteção da sociedade e do Estado.

Artigo XVII – Todo ser humano tem direito à propriedade, só ou em sociedade com outros. Ninguém será arbitrariamente privado de sua propriedade.

Artigo XVIII – Todo ser humano tem direito à liberdade de pensamento, consciência e religião. Esse direito inclui a liberdade de mudar de religião ou crença e a liberdade de manifestar essa religião ou crença, pelo ensino, pela prática, pelo culto e pela observância, em público ou em particular.

Artigo XIX – Todo ser humano tem direito à liberdade de opinião e expressão. Esse direito inclui a liberdade de, sem interferência, ter opiniões e de procurar, receber e transmitir informações e ideias por quaisquer meios e independentemente de fronteiras.

Artigo XX – Todo ser humano tem direito à liberdade de reunião e associação pacífica. Ninguém pode ser obrigado a fazer parte de uma associação.

Artigo XXI – Todo ser humano tem o direito de fazer parte no governo de seu país diretamente ou por intermédio de

representantes livremente escolhidos. Todo ser humano tem igual direito de acesso ao serviço público do seu país. A vontade do povo será a base da autoridade do governo, expressa em eleições periódicas e legítimas, por sufrágio universal, por voto secreto.

Artigo XXII – Todo ser humano, como membro da sociedade, tem direito à segurança social e à realização dos direitos econômicos, sociais e culturais, indispensáveis à sua dignidade e ao livre desenvolvimento da sua personalidade, pelo esforço nacional, cooperação internacional e de acordo com a organização e recursos de cada Estado.

Artigo XXIII – Todo ser humano tem direito ao trabalho, à livre escolha do emprego, a condições justas e favoráveis de trabalho e à proteção contra o desemprego. Todo ser humano, sem qualquer distinção, tem direito a igual remuneração por igual trabalho. Todo ser humano que trabalha tem direito a uma remuneração justa e satisfatória, que lhe assegure, assim como à sua família, uma existência compatível com a dignidade humana e a que se acrescentarão, se necessário, outros meios de proteção social. Todo ser humano tem direito a organizar sindicatos e a neles ingressar para a proteção de seus direitos.

Artigo XXIV – Todo ser humano tem direito a repouso e lazer, inclusive à limitação razoável das horas de trabalho e a férias remuneradas.

Artigo XXV – Todo ser humano tem direito a um padrão de vida capaz de assegurar-lhe, e à sua família, saúde e bem-estar, inclusive alimentação, vestuário, habitação, cuidados médicos e os serviços sociais indispensáveis, e o direito à segurança em caso de desemprego, doença, invalidez, viuvez, velhice ou outros casos de perda dos meios de subsistência em circunstâncias fora do seu controle. A maternidade e a infância têm direito a cuidados e assistência especiais. Todas as

crianças, nascidas dentro ou fora do casamento, gozarão da mesma proteção social.

Artigo XXVI – Todo ser humano tem direito à instrução. A instrução será gratuita, pelo menos nos graus elementares e fundamentais. A instrução elementar será obrigatória. A instrução técnico-profissional será acessível a todos, bem como a instrução superior, esta baseada no mérito. A instrução será orientada no sentido do pleno desenvolvimento da personalidade humana e do fortalecimento do respeito pelos direitos humanos e pelas liberdades fundamentais. A instrução promoverá a compreensão, a tolerância e a amizade entre todas as nações e grupos raciais ou religiosos, e coadjuvará as atividades das Nações Unidas em prol da manutenção da paz. Os pais têm prioridade de direito na escolha do gênero de instrução que será ministrada a seus filhos.

Artigo XXVII – Todo ser humano tem o direito de participar livremente da vida cultural da comunidade, de fruir das artes e de participar do progresso científico e de seus benefícios. Todo ser humano tem direito à proteção dos interesses morais e materiais decorrentes de qualquer produção científica, literária ou artística da qual seja autor.

Artigo XXVIII – Todo ser humano tem direito a uma ordem social e internacional em que os direitos e liberdades estabelecidos na presente Declaração possam ser plenamente realizados.

Artigo XXIX – Todo ser humano tem deveres para com a comunidade, na qual o livre e pleno desenvolvimento de sua personalidade é possível. No exercício de seus direitos e liberdades, todo ser humano estará sujeito apenas às limitações determinadas pela lei, exclusivamente com o fim de assegurar o devido reconhecimento e respeito dos direitos e liberdades de outrem e de satisfazer as justas exigências da moral, da ordem pública e do bem-estar de uma sociedade democrática.

Artigo XXX – Nenhum dos artigos dessa Declaração pode ser interpretado para reconhecer a qualquer Estado, grupo ou pessoa o direito de exercer qualquer atividade ou praticar qualquer ato destinado à destruição de quaisquer direitos e liberdades aqui estabelecidos.

Poderíamos atualizar este conjunto de direitos humanos, considerando que tudo está interligado, em um sistema socioambiental, de modo a explicitar outros direitos humanos em relação à natureza e direitos da natureza em relação aos seres humanos, mas não é o caso, neste artigo.

O grande problema dos Direitos Humanos é seu descumprimento. O Papa Francisco os classifica como “Direitos Humanos não suficientemente universais”⁴. Há países que primam pela desqualificação dos Direitos Humanos, o que leva, naturalmente, a uma condição humana deplorável. Frequentemente se associam os Direitos Humanos à falta de uma contrapartida de deveres humanos. É uma falácia eivada de perversidade. Ela normalmente é utilizada onde se depreciam os Direitos Humanos, para justificar o seu descumprimento, e, ainda, normalmente essa falácia é um recurso de pessoas, grupos e governos autoritários, desviantes do Estado Democrático de Direito.

Reafirmamos a importância do respeito aos Direitos Humanos com vista ao desenvolvimento integral de um

⁴ FRANCISCO, Papa. *Fratelli Tutti: sobre a fraternidade e a amizade social*. 1. ed. Brasília: Edições CNBB, 2020, n. 22.

povo, de uma nação. O progresso, cujos benefícios devem alcançar todas as pessoas, implica o cuidado com os Direitos Humanos. Só pode se declarar e ser reconhecido como desenvolvido um país que progride e zela pelos direitos de seu povo. A criatividade e a inventividade humanas resultam da dignidade humana respeitada, preservada e garantida, o que estimula a operosidade em favor do outro e de todos os outros que compõem uma nação.

Não podemos deixar prevalecer visões antropológicas redutivas, que submetem o ser humano à lógica depreciativa e instrumental de um modelo econômico, alicerçado na ganância e no lucro, nunca distribuídos e a todo instante “justificados” pela ideia deletéria de responsabilidade social, simplesmente porque, por exemplo, uma grande empresa mantém uma obra social, para onde ela carrega parcela de seus impostos a serem recolhidos. Muito menos podemos deixar prevalecer a ideia, igualmente deletéria, de uma espécie de capitalismo inclusivo, algo nunca visto na história da humanidade, exatamente por ser ele, intrinsecamente, um sistema excludente, baseado no enriquecimento de uns poucos às custas do empobrecimento de outros muitos. O rompimento com a lógica que faz compreender os Direitos Humanos, seguramente, produz uma parte da humanidade em opulências incalculáveis e outra parte da humanidade em misérias impensáveis.

Tomemos outro exemplo, para que, ao menos em minúscula parcela, paguemos a dívida que a humanidade tem

em relação às mulheres, que possuem, indiscutivelmente, a mesma dignidade dos homens e são, covardemente, desrespeitadas. E ainda, mais um exemplo, é a crescente falta de empatia, de mínima consideração, de sensibilidade humana e social para com os pobres. O Brasil e muitos outros países operam a aporofobia,⁵ uma palavra que nos parece estranha, seja ortográfica, seja foneticamente, mas tem a proeza de nomear uma realidade nefasta e ignóbil: o ódio aos pobres, o desprezo a eles, o desejo de subtraí-los à convivência humana e à vida. Esse ódio é cada vez mais explícito nas narrativas e nas práticas de pessoas autoritárias, cujas visões são conservadoras em relação a costumes e reacionária em relação aos avanços da humanidade, graças à colaboração humana, da ciência, do conhecimento, da criatividade e da subversão do obscurantismo.

As sociedades contemporâneas, por outra nuance, proclamam palavras em favor dos seres humanos, em uma espécie de atitude politicamente correta, mas que não correspondem ao grito das múltiplas realidades de sofrimento e dor.

⁵ CORTINA, Adela. Aporofobia, a aversão ao pobre, um desafio para a democracia. São Paulo: Contracorrente, 2020, p. 213. Aporofobia é um neologismo criado pela importante filósofa Adela Cortina, professora catedrática de Ética e Filosofia Moral e Política, da Universidade de Valência, Espanha. A primeira mulher a ingressar como membra plena da Academia Real de Ciências Morais e Políticas da Espanha. O serviço que Adela Cortina prestou à humanidade com este livro é incomensurável, porque ela acendeu uma forte lâmpada sobre o que acontece com os pobres nas sociedades atuais.

Mas quando é que gritam os Direito Humanos?

Quando milhões de pessoas estão em regime análogo ao de escravos (há muitas formas antigas e novas de escravidões); quando jovens são manipulados por ferramentas tecnológicas e apreciam a substituição de seus corações de carne por corações de chips; quando traficantes e milícias subjagam comunidades inteiras, ao arrepio da lei e da ordem, com a conivência de governantes, legisladores e juízes; quando se associa, de qualquer forma, o poder político autoritário com religião, especialmente em suas vertentes conservadoras e obscurantistas, igualmente autoritárias e intolerantes; quando a quase totalidade dos encarcerados são negros: pretos e pardos; quando vacinas são ideologizadas e transformadas em disputas políticas espetacularizadas, caracterizando de forma inequívoca a necropolítica;⁶ quan-

⁶ MBEMBE, Achille. *Necropolítica*. São Paulo: Edições N-1, 2018. O próprio Achille Mbembe explica sua obra, indispensável a comunicadores e comunicadoras que buscam o novo humanismo: “Neste ensaio propus que as formas contemporâneas que subjagam a vida ao poder da morte (necropolítica) reconfiguram profundamente as relações entre resistência, sacrifício e terror. Tentei demonstrar que a noção de biopoder é insuficiente para dar conta das formas contemporâneas de submissão da vida ao poder da morte. Além disso, propus a noção de necropolítica e de necropoder para dar conta das várias maneiras pelas quais, em nosso mundo contemporâneo, as armas de fogo são dispostas com o objetivo de provocar a destruição máxima de pessoas e criar “mundos de morte”, formas únicas e novas de existência social, nas quais vastas populações são submetidas a condições de vida que lhes conferem o estatuto de “mortos-vivos”. Sublinhei igualmente algumas das topografias recalcadas de crueldade (*plantation* e colônia, em particular) e sugeri que o necropoder embaralha as fronteiras entre resistência e suicídio, sacrifício e redenção, mártir e liberdade”.

do políticos brasileiros, de péssima qualidade, aprovaram o Projeto de Emenda à Constituição, conhecida como “PEC⁷ do fim do mundo”, porque congelou investimentos em saúde e educação por vinte anos; quando se descobre que o Brasil é o 9º país em desigualdades sociais, e que a população 1% mais rica detém mais da metade dos bens brasileiros; quando aqui negros ganham 53% abaixo dos rendimentos dos brancos; quando mulheres ganham 70% abaixo do rendimento dos homens,⁸ e ainda são violentadas; quando crianças são sequestradas, pessoas e órgãos humanos traficados, idosos descartados, pessoas diferentes e diversas, eliminadas; quando veículos de comunicação e redes sociais tornam-se disseminadores do ódio, com gosto de sangue.

“Psicopatiaram o Brasil.”⁹ Faço coro a esta contundente expressão para explicar o que tem acontecido neste país.

⁷ PEC 241.

⁸ Esses dados estão em várias fontes facilmente encontradas na internet. Destacam-se as informações da OXFAM Brasil, disponíveis em: www.oxfam.org.br. OXFAM é uma confederação internacional de vinte organizações nacionais que trabalham juntas em um total de noventa países, como parte de um movimento global a favor da mudança, para construir um futuro livre da injustiça, das desigualdades e da pobreza.

⁹ KHEL, Maria Rita; DUNKER, Christian. *Entrevista ao Brasil de fato*, São Paulo, 12 abr. 2018, 14h44. Esses dois grandes psicanalistas brasileiros usam a expressão “psicopatiaram o Brasil” enquanto analisam a prevalência da intolerância na arena política. Explicam: “O ódio é um sentimento comum a todos os indivíduos, e também às multidões que se unem em torno de uma ideia. No entanto, em uma sociedade democrática, há mecanismos para dar vazão ao ódio de forma produtiva, criando um suporte institucional ao diálogo sobre pontos

O ódio transformou-se em uma espécie de “valor”, em algo que precisa ser alcançado em sentido para a existência de muitas pessoas que, a cada manifestação odiosa, se sentem realizadas, felizes, aliviadas, completas. Uma verdadeira psicopatia, grave, de grandes proporções, que conduz a homicídios dolosos, que geram prazer. Partir do humano para que, por meio do exercício fundamental da comunicação, possamos chegar a um novo Humanismo, certamente, não se constitui apenas de boa vontade, por não ser uma tarefa trivial nem pontual.

Se olharmos o panorama global, podemos citar algumas das razões pelas quais um excelente pensador, Achille Mbembe,¹⁰ em 2016, levantou a hipótese, em seus estudos, de que “a era do humanismo está terminando”. Ele se baseou no fato de que “não havia sinais de que o ano de 2017 seria melhor que 2016 [imagina se ele tivesse no horizonte o ano de 2020?]; que sob ocupação israelense por décadas, Gaza

de vista em extremos distintos da luta de classes – prática que, infelizmente, vem se perdendo no Brasil nos últimos anos, abrindo uma porta para o retorno do autoritarismo”.

¹⁰ MBEMBE, Achille. *A era do humanismo está terminando*. Disponível em: <https://www.revistaprosaversoarte.com/achille-mbembe-era-do-humanismo-esta-terminando/>. Achille Mbembe é um dos mais importantes pensadores da atualidade. Ele é historiador pós-colonial e cientista político de Camarões francês. Ele faz um sério alerta: “Outro longo e mortal jogo começou. O principal choque da primeira metade do século XXI não será entre religiões ou civilizações. Será entre a democracia liberal e o capitalismo neoliberal, entre o governo das finanças e o governo do povo, entre o humanismo e o niilismo. A crescente bifurcação entre a democracia e o capital é a nova ameaça para a civilização”.

continuará a maior prisão a céu aberto do mundo; que nos EUA o assassinato de negros pela polícia branca continuará; que a Europa continuará sua lenta descida ao autoritarismo, populista, liberal; que as desigualdades continuarão a crescer no mundo; que as virtudes tais como o cuidado, a generosidade, a compaixão, continuarão não importando; que o *apartheid* continuará por meio de muros...”.

É a partir da reumanização do humano, em caráter de urgência, que aceitamos a tarefa de mobilizar a comunicação, com vistas a um novo humanismo. Temos consciência de que um novo humanismo está sendo semeado e, em uma prospecção mais otimista, ele já está nascendo. A pergunta que fazemos é: em que os comunicadores e as comunicadoras, em um tempo de “término do humanismo”, podem contribuir? Como os agentes da comunicação podem produzir o *start* de processos comunicacionais que venham a reumanizar o mundo e os próprios seres humanos. Partir do humano significa evadir do campo do niilismo, do sem sentido.

Comunicador

Mais uma vez recorreremos à *Fratelli Tutti*. O Papa Francisco é cristalino ao redigir um trecho da Encíclica intitulado “a ilusão da comunicação”. Precisamos ser honestos conosco, que atuamos na comunicação e fazemos dela, mais do que instrumento ou ferramenta, algo estratégico, que carrega em si, em seus próprios processos, a evangelização que desejamos fazer, o anúncio que queremos proclamar, a

catequese que aspiramos que seja educadora da fé, a apresentação do Reino de Deus, ensinado por Jesus e sinalizado em nossa história. Devemos melhorar a nossa comunicação.

Somos comunicadores de qual comunicação?

Vivemos um novo tempo porque já estamos adiantados na mudança de era. Esta é uma era de comunicação à exaustão, dentre outras características. Mas nela tudo vira espetáculo, porque a comunicação digital, que quer mostrar todas as coisas em seus detalhes, ao mesmo tempo, coloca cada indivíduo sob o foco de todas as luminárias, para o bem ou para o mal, tornando-os objetos de olhares que analisam, julgam, condenam. A um só tempo, contraditoriamente, crescem e se impõem atitudes de fechamento com a sua consequente intolerância e reduzem-se os distanciamentos, arrombam-se as portas da intimidade, anulam-se as regras de privacidade.

Mais preocupante são os movimentos digitais geradores ou colaboradores na disseminação do ódio e da destruição. As mentiras, meticulosamente preparadas para produzir o mal da enganação, difamação, manipulação – essas são as chamadas *fake news* –, não são formas de ajuda, como querem parecer, mas uma comunicação que leva à morte da verdade e, com ela, a morte da esperança e do amor, da paz e do entendimento, da amizade e da solidariedade humana.

Na Exortação Apostólica *Christus Vivit*,¹¹ fruto do sínodo das juventudes, Francisco afirma que a comunicação

¹¹ FRANCISCO, Papa. *Christus Vivit: exortação pós-sinodal*. 1. ed. Brasília: Edições CNBB, 2019, n. 88. Esta Exortação tem grande significado para as juventudes, primeiro autores e atores das comunicações

digital, algo tão potente e importante, pode criar dependência e isolamento, raízes profundas da esquizofrenia, ou seja, da perda de contato com a realidade concreta, como ela é. Um fruto amargo dessa desconexão da realidade, pelo excesso de conexão digital, são as reais dificuldades de relações interpessoais autênticas, conduzindo as pessoas à falta de gestos físicos, a uma nulidade do valor das expressões do rosto e do silêncio, à abstração de algo concreto na comunicação, que é o corpo humano e o que ele carrega: tremores, dores, alegrias, rubores, cheiros, transpirações e palpitações.

Tudo isso faz parte do ser comunicador que somos. Tudo isso está integrado na trama do corpo, da alma e do espírito humanos. É por isso que o humano faz história. A comunicação digital é extraordinariamente bela, potente, mas ela, tão audaciosa, não é suficiente para tecer encontros, construir pontes, aproximar vidas e histórias. A comunicação digital não é capaz, por si, de fazer dos homens e mulheres uma comunidade humana, da humanidade uma família. Assim, somos desafiados a usar a sabedoria. Sabedoria é a síntese do saber produzido nas academias e do saber que brota das experiências humanas e das experiências de Deus, por isso ela é necessária na pessoa do comunicador.

O comunicador que leva em conta a sabedoria, que não permite que ele seja submergido no mar de informações,

mais sofisticadas. O Papa Francisco escolheu o dia 25/03/2019 para assinar este documento, data em que se celebra a solenidade da Anunciação do Senhor, um ato de excelência comunicacional.

certas e erradas, e, sobretudo, o faz arauto da ética, é capaz de cultivar um dos elementos mais singulares do processo comunicacional, a escuta do outro, do interlocutor e do Outro, o interlocutor por excelência, Deus. Nada mais nobre do que colocar-se na condição de ouvinte para fazer fluir a comunicação da verdade e da paz. Ouvir o acidentado no caminho da vida, os pobres, as vítimas, os irmãos e irmãs, ouvir os enfermos e a enferma natureza, o meio ambiente ferido. Todo bom ouvinte desenvolve de maneira acentuada a habilidade de silenciar. Fazer silêncio significa recolher-se para que o outro seja, ocupe o espaço. Na mentalidade mineira, de grande valor simbólico, silenciar é arredar para caber o outro, e, quanto mais se arreda, mais se pode acolher outros. A comunicação acaba por definir no comunicador uma espécie de estilo de vida, de vida comunicacional.

A comunicação, como é fácil concluir, não pode ser reduzida a um acúmulo de informações, sem critérios de seleção e qualificação, espaço onde os supostos diálogos se dão com o objetivo de promover novidades, “viralizar” as últimas notícias e se elas não existirem, não será difícil inventar algumas. A comunicação, por definição, faz do comunicador ou doador de atenção, atenção prolongada se necessário for, penetrante, sempre. O comunicador fala francamente ao coração do outro para chegar aos corações dos outros, da comunidade, da sociedade. Observe que vamos passando para o campo dos sentidos, porque a verdadeira comunicação favorece a identificação do essencial para significar a existência e a interpretação dos acontecimentos.

Podemos dizer que assim, a partir do humano, comunicador, pode-se aventurar a colaboração na delicada confecção de um novo humanismo cristão. É o que passo a tratar, finalmente.

Um novo humanismo cristão

A missão de vislumbrar e tornar realidade um novo humanismo cristão, compreende-se acertadamente, não é tarefa de um grupo de pessoas, de um conjunto de seres humanos iluminados e ilustrados, mas pode resultar de um longo e, em alguns momentos, árduo caminhar, de boa parcela da humanidade. É preciso escolher um novo humanismo. Optar por ele. Com ele sonhar. Desejá-lo. Aplicar ao seu projeto o melhor de cada pessoa, em sua multifacetada cultura e múltiplos valores que se articulam em redes. É preciso, desde o início, identificar os valores cristãos a serem impressos no processo de “realmar” a humanidade. Ninguém mais do que Jesus Cristo entendeu e viveu densa, plena e perfeitamente a condição humana. Ele é uma fonte inspiradora. Certamente a comunicação poderá desenvolver (deve desenvolver) com outros atores o papel de “azeitamento” das relações humanistas a serem tecidas, a partir mesmo do aprendizado com toda a história já vivida, com seus acertos e erros.

O mutirão de reumanização da humanidade, com o intuito de construir aos poucos um novo humanismo, é envolvente e requer entrega para ajudar a salvar o humano que

existe em cada pessoa. Ainda baseado em intuições e ensinamentos do Papa Francisco, é preciso tomar consciência de que no ambiente digital as pessoas encontram novas formas de relação, de interação e benquerença. No ambiente digital, lugar onde muitas redes se formam, encontramos oportunidades de pensar, refletir e, mais uma vez, reconhecer nossa vocação humano-cristã, decisiva para um novo humanismo possível. O mundo sofreu uma reviravolta comunicacional com o digital. Ninguém fica ileso. As pessoas, afetadas pelo digital, vão buscando novas formas de viver, conviver, pensar, agir e também de se relacionar com Deus, com os outros e com o conjunto da sociedade. Repito, o digital não consegue fazer-nos unidos, mas nós podemos nos unir com o aproveitamento do digital.

O comunicador, a comunicadora são chamados a ser construtores de humanismos, considerando a comunicação, as redes sociais como novos espaços de evangelização, como “portais de verdade e de fé”,¹² de defesa dos direitos humanos, da socioecologia, portais do Evangelho do Reino.

Contudo, a comunicação precisa ser assumida como elemento catalisador não do moderno humanismo antropocêntrico, que, pela razão instrumental, fez do ser humano um predador de si mesmo, dos outros e do planeta, mas de um humanismo “agapicocêntrico”, que coloca no centro o amor operoso, oblativo, construtivo, no qual as prioridades

¹² BENTO XVI. Mensagem para o 47^a Dia Mundial das Comunicações, 2013. O último ano de Bento XVI e o primeiro ano de Francisco. Uma ponte de comunicação.

ficam claras e são destacados princípios basilares da convivência humana e do funcionamento da sociedade, o que inclui a economia, os poderes, a política, os serviços públicos. Em um novo humanismo é preciso assumir como princípio, como ensina fartamente a Doutrina Social da Igreja, a primazia do trabalho sobre o capital, a primazia da pessoa sobre o mercado e também a primazia do bem comum sobre o bem individual, a primazia da solidariedade sobre a competição e, ainda, a primazia da ecologia integral, porque tudo está interligado sobre a fragmentação, supondo que nada está interligado.

Em uma sociedade doente como a nossa, o Papa Francisco, na *Fratelli Tutti*, sobre a fraternidade e a amizade social, afirma que, “entre a indiferença egoísta e o protesto violento, há uma opção sempre possível, o diálogo. O diálogo entre as gerações e o diálogo do povo. Um país cresce quando dialogam suas diversas riquezas culturais: a cultura popular, a cultura universitária, a cultura juvenil, a cultura artística, a cultura tecnológica, a cultura econômica, a cultura familiar e a cultura dos meios de comunicação”.¹³ O diálogo, que inclui a comunicação, está na base da amizade social, que, por sua vez, caracteriza o imperativo da solidariedade em um novo humanismo cristão.

“Não podemos aceitar um mundo digital projetado para explorar as nossas fraquezas e trazer à tona o pior das

¹³ FRANCISCO, Papa. *Fratelli Tutti*: sobre a fraternidade e a amizade social. 1. ed. Brasília: Edições CNBB, 2020, n. 199.

peças.”¹⁴ O Papa Francisco usa esta citação dos bispos australianos para levar-nos à conclusão de que a comunicação que visa ao novo humanismo é aquela que “pode ajudar a sentir-nos mais próximos uns dos outros. Podem ajudar-nos as redes de comunicação humana, que atingiram progressos sem precedentes. Particularmente a internet pode oferecer maiores possibilidades de encontro e de solidariedade entre todos; entretanto, é preciso verificar continuamente que as formas de comunicação atuais nos orientem, efetivamente, para o encontro generoso, a busca sincera da verdade íntegra, o serviço, a proximidade com os últimos e o compromisso de construir o bem comum”.¹⁵

Clamemos pelo novo humanismo.

Trabalhemos pelo novo humanismo.

Relancemos o humanismo da vida.

Sejamos a comunicação viva do novo humanismo.

¹⁴ Ibid, n. 205. Esta é uma citação que a *Fratelli Tutti* faz da Conferência Episcopal da Austrália. O Papa Francisco abre portas de diálogos e pela comunicação sinérgica, própria de um novo humanismo, inclui vários interlocutores. Impressiona o fato de um Papa citar tantas Conferências Episcopais espalhadas pelo mundo. É a primeira vez que isso acontece. Conferência Episcopal do EUA, n. 124; Conferência Episcopal da França, n. 176; Conferência Episcopal Portuguesa, n. 178; Conferência Episcopal da Austrália, 205; Conferência Episcopal do Congo, n. 226; Conferência Episcopal da África do Sul, n. 229; Conferência Episcopal da Coreia, n. 229; Conferência Episcopal da Colômbia, n. 232; Conferência Episcopal da Croácia, n. 253; e Conferência Episcopal da Índia, n. 271. A *Fratelli Tutti*, ao abordar a fraternidade e a amizade social, condições para um novo humanismo, já se põe radicalmente em diálogo.

¹⁵ FRANCISCO, Papa. *Fratelli Tutti: sobre a fraternidade e a amizade social*. 1. ed. Brasília: Edições CNBB, 2020, n. 205.